Capítulo 3 - Das impressões e associações possíveis

O cinema brasileiro percorreu, no começo dos anos 1960, os debates em torno do nacional-popular e do realismo, assim como sobre as possibilidades de linguagem, uma discussão entre as possibilidades clássicas e uma estética que privilegia a experimentação: a tradicional linha de organização dos temas do documentário expositivo, por exemplo, e a linha de uma pesquisa aberta, como a do cinema-vérité. É o que explica Ismail Xavier no livro “O cinema brasileiro Moderno”⁵⁴. Segundo ele, as discussões confrontavam cineastas que acreditavam na potência comunicativa da linguagem clássica e os que definiam a crítica ao próprio cinema como condição de um cinema crítico voltado para as questões sociais. O fato é que, entre 1950 e 1970, o cinema de autor, o Cinema Novo e o Cinema Marginal foram responsáveis por um movimento plural de estilos e de idéias, que produziu por aqui “a convergência entre a ‘política dos autores’, os filmes de baixo orçamento e a renovação da linguagem, traços que marcam o cinema moderno, por oposição ao clássico e mais plenamente industrial”⁵⁵. A idéia de cinema como via transformadora surge de maneira muito forte como ideal, mas muito longe de ser obtido na prática. Ismail explica que o Modernismo de 1920, que visava a atualização da arte local, foi a base da articulação entre nacionalismo cultural e a experimentação estética do cinema da década de 60. O resultado, segundo Xavier, são filmes excessivamente complexos para quem falava em chegar às massas, especialmente porque não conheciam o mundo em que aquelas pessoas viviam.

Eu estou interessado em conhecer, não posso transformar o mundo com um filme, já sei disso há mais de 20 anos. Se pudéssemos transformar o mundo com um filme, não sei se eu seria capaz de fazer esse filme. Temos de ter dados sensíveis, e os filmes podem dar esses dados. Se você não conhece não pode transformar direito⁵⁶.

⁵⁴ XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

⁵⁵ Idem, p.14.

⁵⁶ COUTINHO apud LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho. Televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

O período da abertura política, entre 1974 e 1979, também é de discussão entre uma estética atenta ao mercado e uma que entendia que a via do modernismo implicava a continuidade da experimentação. No começo dos anos 80, o moderno como modelo já dava sinais de que se dissolveria, o que só aconteceu completamente no final da década, quando surge um cinema que recusa “os modelos da constelação moderna até então ainda hegemônicos”, como diz Xavier⁵⁷. Para ele, uma obra decisiva é *Cabra marcado para morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, que reúne as principais questões em debate no cinema moderno. O filme consegue tratar de política a partir de múltiplas estratégias, inclusive incorporando a experiência do diretor na televisão. Assim, com essa variedade de linguagens e estilos e sem tomar para si uma bandeira ou causa, recapitula a tradição do documentário no Brasil.

Essa multiplicidade de Coutinho é bastante compatível com a noção de Pierre Bourdieu de pesquisa de campo. Ele afirma que, na pesquisa de campo, o pesquisador que segue à risca padrões para se relacionar com o público não parece levar em consideração o que pesquisadores que respeitam seu objeto. Estes, por sua vez, conseguem voltar sua atenção às inúmeras sutilezas que os agentes sociais desenvolvem. Ele explica que, apesar de diferente da maior parte das “trocas de existência comum”, a pesquisa é uma relação social e que, por isso mesmo, afeta o resultado final. Bourdieu diz que por definição, a pesquisa científica exclui a intenção de causar efeitos sobre os resultados, mas que o pesquisador deve reconhecer e dominar as distorções, que são próprias das estruturas de pesquisa. A prática, segundo ele, pode ser “refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica”⁵⁸. Para Bourdieu, a reflexividade reflexa, sinônimo de método, torna possível que o sociólogo controle, durante a própria entrevista, no campo, os efeitos da estrutura social. O autor afirma que não existe a não construção, mas sim uma que não sabe de seus e outra que, “sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais

⁵⁷ XAVIER, Ismail. *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.34.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre,. *A miséria do mundo*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p.694.

completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente”⁵⁹.

O autor acredita que as distorções causadas pela pesquisa podem ser reduzidas se o pesquisador é capaz de perceber a distância entre a forma como ele e entrevistado vêem a pesquisa. Assim, será possível ao pesquisador entender não só o que pode e o que não pode ser dito, mas o que freia a fala do personagem ou o encoraja. Afinal, é o pesquisador que normalmente dá as regras do jogo, muitas vezes sem negociação anterior, o que é ampliado quando o entrevistador ocupa uma posição social mais alta, em especial se isso se dá culturalmente. Para tornar viável uma relação de pesquisa mais próxima possível do limite de distorção ideal, a escuta deve ser, segundo Bourdieu, tanto ativa quanto metódica, no sentido de que não só deve se afastar do dirigismo do questionário, mas também da intenção da pura não-intervenção⁶⁰.

Bourdieu diz que o princípio da troca em si pressupõe uma certa intrusão, que sempre é um pouco arbitrária, o que certamente gera, automaticamente e sem o conhecimento do pesquisador, alguns efeitos. Tentar conhecê-los é fundamental para saber o que está sendo provocado.

É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal qual é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.⁶¹

Afinal, é o pesquisador que normalmente diz como a entrevista vai funcionar, como será feita, do tempo de duração à forma final que deverá ter, por

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Ibidem, 695.

⁶¹ Idem.

exemplo. Muitas dessas “regras do jogo” nem sempre são de conhecimento do entrevistado, sem “negociação prévia”.

Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O mercado dos bens lingüísticos e simbólicos que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os lingüísticos, dos quais estão dotados⁶².

Uma comunicação com o mínimo de violência simbólica, reúne, então, não apenas uma disponibilidade integral com relação ao entrevistado, mas também a “submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria”⁶³.

Bourdieu explica que essa não violência na troca de informação também passaria pela escolha do entrevistado pelo pesquisador, uma vez que a proximidade e a familiaridade dão dois fatores importantes: a de não ver suas formas de ver e agir subjetivas reduzidas, objetivadas pela frieza da análise; e a emissão apropriada de sinais não verbais que dêem pistas da interpretação do enunciado ou de como o interlocutor recebeu o que foi dito⁶⁴. Escolher o entrevistado é, portanto, um elemento importante da estrutura da relação, que é parte da própria estrutura do mercado lingüístico e simbólico. Mas as condições de familiaridade, como alerta Bourdieu, têm um limite. Afinal, se em *Peões*, por

⁶² Idem.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Ibidem, p.697.

exemplo, tivéssemos um operário entrevistando outro, não teríamos feitas as questões fundamentais, as mais óbvias, fundamentais, como por exemplo “como era lá na fábrica?”. Então, a idéia de diminuir a dissimetria através da substituição do sociólogo por alguém daquele mundo pesquisado, apesar de aproximar de fato pela familiaridade e pela franqueza social que se estabelece, não é uma solução perfeita. Segundo Bourdieu, este é apenas um dos recursos para reduzir a distância e todos os outros têm limites.

Quando nada vem neutralizar ou suspender os efeitos sociais da dissimetria ligada à distância social, não se pode esperar conseguir obter declarações tão pouco marcadas quanto possível pelos efeitos da situação de pesquisa senão ao preço de um trabalho incessante de construção. Paradoxalmente, este trabalho está destinado a ficar tanto mais invisível quanto mais bem sucedido ele for e quanto mais ele conduzir a uma troca de todas as aparências do “natural” (entendido como o que acontece comumente nas trocas comuns da existência cotidiana)⁶⁵.

Bourdieu diz que essa relação é possível mesmo entre um “sociólogo” e um entrevistado que sejam distantes socialmente se o primeiro consegue ter um tom ideal e se consegue fazer com que o conteúdo das perguntas o coloque em seu lugar de pensamento. Isso sem fingir que não há distância social entre os dois. Não se trata, portanto, de se projetar sobre o outro, mas de compreendê-lo a partir das condições sociais de que é produto, ou seja, as condições de existência e os mecanismos sociais próprias da categoria de que fazem parte, como a operária, por exemplo. O autor explica que não se trata de benevolência, mas de uma compreensão que se mostra atraente e inteligível de apresentar a entrevista. Segundo ele, o entrevistador só está à altura de seu entrevistado quando sabe muito a seu respeito a partir do contato com informantes ou de pesquisas anteriores. O próprio improvisado só é permitido a partir do conhecimento do objeto.

⁶⁵ Ibidem, p.699.

Coutinho se posiciona de forma que não só sua linguagem seja compreendida, como também sua forma de ouvir, seu jeito de fazer com que os entrevistados continuem falando, funciona. Ele não tem um método fechado, rígido, mas tem um estilo peculiar e admite não só sua presença, mas que ela é modificadora. Para Bourdieu, a ilusão da neutralidade do observador por sua anulação só pode ser remediada pela consideração de que a espontaneidade só existe quando há uma construção realista. Para isso, a pesquisa deve ter conhecimento prévio das realidades que pretende registrar. A participação “natural”, portanto, pressupõe, para Bourdieu, uma conversa pela simples repetição, para “acusar recebimento”, da última frase dita pelo interlocutor. O não envolvimento com o que é dito é a característica das entrevistas que vemos hoje, o próprio “piloto automático” citado anteriormente. Em Peões, em uma conversa com ex-operário Joaquim, podemos enxergar o mesmo tipo de intervenção:

Joaquim

O trabalho na greve era duro porque era o seguinte: nós tinha esse, digamos, esse segundo pai, que não era pa brigar com nós, era pa nos orientar. Então o senhor sendo orientado o senhor tem força. Porque nós somos uma máquina, como se, digamos. Se nós não acelerar não trabalha, mas se acelerar ela trabalha. Então nós tinha esse homi que nós, que eu não, que nós tanto admiramos, pra tentar nos puxar, nos orientar. Pá ficar com nós, pra passar o que passasse.

Coutinho

Você chama o Lula de segundo pai. (afirmativamente).

Joaquim

Chamo o Lula de segundo pai, porque graças a deus eu só tenho essa casinha hoje esse carrinho e eu tenho duas casinha em São Bernardo, abaixo de deus, porque se eu tivesse aqui eu tava ganhando 200 reais por mês e não tinha um jumento, como eu falei pa senhor (...) E meus parentes todinhos não tem o que tem e por que eu que tinha? (...).

Neste caso, Coutinho usa a afirmação do próprio personagem para que ele desenvolva a fala, revelando sua experiência acerca do tema em vez de responder “sim” ou “não”. Bourdieu se refere ao trabalho socrático que visa a propor sem imposições, mas sim formulando sugestões e muitas vezes deixando claro que se trata de uma sugestão com o objetivo de oferecer a oportunidade para que o entrevistado alongue sua fala, deixe espaço para suas hesitações. Para ele, os sinais de afirmação, como acenos com a cabeça, sinais de incentivo ou aprovação são fundamentais quando feitos no momento certo, pois confirmam a participação e o interesse do diretor/pesquisador.

Bourdieu ainda afirma que, oferecendo ao personagem uma situação de comunicação livre dos constrangimentos e dando alternativas que o deixem confortável para expressar necessidades, mal-estares e faltas, o pesquisador contribui para criar as condições para que surja um “discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização”⁶⁶. O ator diz que alguns participantes, em especial os mais carentes, aparentemente aproveitam a situação como uma oportunidade para testemunharem, serem ouvidos e levarem sua experiência da esfera privada para a pública. Além disso, aparentam fazer da entrevista uma ocasião de se explicarem, construindo seu ponto de vista sobre eles mesmos e também sobre o mundo, manifestando o ponto, “no interior desse mundo, a partir do qual eles vêem eles mesmos e o mundo, tornando-se compreensíveis e justificados primeiramente para eles mesmos. “Acontece até que, longe de serem simples instrumentos nas mãos do pesquisador, eles conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso, como a impressão de que eles dão freqüentemente de sentir uma espécie de alívio, até de realização, tudo neles lembra a felicidade de expressão”⁶⁷.

A alegria de se expressarem fica clara no depoimento de alguns personagens, que mostram seu orgulho por terem participado de eventos importantes, como a faxineira que conta como salvou um filme dos policiais; o próprio Joaquim, por ter conseguido reunir bens materiais com seu trabalho; a senhora que gosta de xingar; ou o ex-aposentado que ia trabalhar com frio porque

⁶⁶ Ibidem, p. 704.

⁶⁷ Idem.

não tinha condições de comprar um casaco. Eles têm em comum o orgulho de poder contar como superaram momentos difíceis.

“Peões” e “Entreatos” têm uma complementaridade que funciona, ainda, nesse sentido. Enquanto em um dos filmes a interação pretendida e assumida é flagrante, no outro, o personagem, sem conhecer o que o diretor quer, fica “livre” para se representar da forma mais conveniente.

Em “Peões” temos acesso a vidas que provavelmente desconheceríamos por completo: até ver o filme, sabemos pelos livros e meios de comunicação que elas existiram, mas mantemos distância de uma multidão sem rosto, nome, endereço e, portanto, sentimentos. Sabemos da grandiosidade do que fizeram no passado, mas não do que tiveram de abdicar em nome do que acreditavam e muito menos se ainda acreditam. Ao final, vemos como alguns perderam o emprego de que gostavam porque lutaram por seus direitos, os que conseguiram se aposentar como metalúrgicos e quem ainda hoje convive com a instabilidade da profissão. Em “Entreatos” vemos situações que também não conheceríamos se não fosse pelo documentário, a quantidade de preparativos para a campanha não só pela quantidade de recursos envolvida, mas também pelas minúcias que a envolvem.

Conhecemos os participantes e as funções que cada um exerce, mas entendemos muito melhor o que cada um faz quando os assistimos ao desempenharem seus papéis, o que fazem e o grau de influência que têm no processo eleitoral que estamos prestes a presenciar. Toda a euforia por conta da possibilidade de um ex-operário se tornar presidente da República existe em função de toda uma equipe, que cria as circunstâncias adequadas para a sua eleição. No primeiro, sabemos como vivem os peões que participaram da luta sindical organizada por Lula na década de 70/80, como suas vidas mudaram em função dela e também como vêem as eleições de 2002, que têm seu grande líder no passado como principal candidato. No segundo, vemos como os envolvidos com a campanha fazem toda aquela mobilização social acontecer. Com ou sem o intuito de interferir no que se passa, os diretores estão presentes e participam direta ou indiretamente do que acontece.

Coutinho provoca lembranças e, com elas, desperta emoções. Salles e sua equipe também provocam acontecimentos, mesmo que primem por não participar diretamente do que se passa. Em três cenas de cada um dos filmes, temos

situações que se aproximam por tema, mas têm contextos bastante diferentes e, contrapostas, podemos ver o quanto se complementam.

Na primeira das comparações que vamos considerar, temos o soldador Geraldo, de Peões, e o então chefe da campanha de Lula, José Dirceu, questionando o diretor de alguma forma. O primeiro deles quer saber se quem faz tantas perguntas já passou pelo que ele acaba de contar; o segundo questiona a confiabilidade da equipe e interrompe a reunião que era filmada por considerar perigoso.

O último personagem visitado pela equipe é o ex-sindicalista e operário Geraldo, que continuava trabalhando como soldador quando o filme foi rodado, mas com contratos temporários. Na conversa com Coutinho, ele conta que votou em Lula e como são as atuais condições de trabalho e desemprego, sentado aparentemente no sofá de sua casa. Não vemos mais ninguém, nem mesmo Coutinho.

Coutinho

Você quando tava com as greves, você tá com o Lula?

Geraldo

O sentimento é grande. Porque a gente tava lutando por uma melhora. E o Lula foi um herói na época. Porque não esqueço até hoje que quando a mãe dele faleceu ele tava preso no dop. A gente fomos lá (...) Iam liberar ele só para vim ver o corpo da mãe. A mãe no velório lá. Aí ele olhou o corpo, chorou e pegaram ele e levaram.

Coutinho

Viu? Você tem orgulho também de ser alguém que faz um trabalho bem feito?

Geraldo

Eu tenho. Eu tenho. Eu sou profissional já há muitos anos. E tenho orgulho de ser isso aí. Aprendi e quero me aposentar fazendo aquilo que eu sei fazer.

Coutinho

Nesse sentido, você tem saudade do tempo da fábrica?

Geraldo

Às vezes eu tenho. Eu tenho saudade. (...) por maior sofrimento que tinha na época eu tenho saudade ainda. Mas eu não gostaria que meu filho fosse peão não. Eu passei muito. Eu tenho saudade por causa dos colegas, né? Eu encontro só colegas e eles pergunta, “e aí, Geraldo, como é que tá a vida?”. “Estamos levando”. Eu espero que meus filhos não passe o que passei não. É duro, é duro.

Silêncio.

Geraldo

Espero que não.

Silêncio

Geraldo

Você já foi peão?

Coutinho

Não.

Geraldo

Não. (repete, balançando a cabeça).

Fade

“No dia 27 de outubro de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da república no segundo turno com mais de 52 milhões de votos”.

Na cena, Coutinho sai da posição confortável de quem apenas faz as perguntas, de quem apenas quer saber, mas de quem nada se sabe, apesar de o vermos e de ouvirmos sua voz. É como se o personagem quisesse descobrir quem, afinal, quer saber sobre ele. Ao mesmo tempo, a conversa não soa coercitiva, como uma entrevista, de modo que a “troca” de papéis não se torne um problema desconcertante. Antes de fazer sua pergunta, as falas são intercaladas por momentos de silêncio de um lado e de outro, em que vemos um personagem

desconfortável com a situação. É importante destacar a admiração de Geraldo por Lula e o quanto o que o viu passar influenciava até então a sua visão de mundo.

Por outro lado, em Entreatos, durante uma reunião no hotel Sofitel a quatro dias da votação, os maiores responsáveis pela campanha de Lula se reúnem por conta do último debate antes das eleições. A cena começa com a chegada da equipe na sala em que acontece a reunião. Logo depois, a câmera se volta para Luiz Gushiken, membro da coordenação, que mostra um quadro com as perguntas e os principais temas que serão discutidos no evento. Um corte seco nos deixa ouvir o momento em que Lula começa a falar sobre os dias pós campanha, sugerindo a todos que tirem, assim como ele, alguns dias de descanso estratégicos para que não se comece uma possível discussão acerca da nomeação de ministros antes da hora. A câmera continua voltada para as informações do quadro.

José Dirceu

Sexta, sábado, domingo e segunda eu vou estar em Comandatuba.

Lula

O que que é Comandatuba?

José Dirceu

Precisa organizar, porque domingo o Fox quer falar com o Lula. Domingo o Fox quer falar com o Lula. Porque a informação que o Fox tem é que o Fernando Henrique (...) Tá gravando isso aí, gente? De quem é esse pessoal? É teu, Duda?

Duda Mendonça

Não, é do pessoal do, do João Moreira, do documentário.

Gilberto de Carvalho

João Salles.

Duda Mendonça

João Salles.

José Dirceu

Quem é João Salles?

Duda Mendonça

Tá combinado com o Lula, tá combinado com o Lula.

Gilberto Carvalho

É um documentário que eles estão fazendo.

Duda Mendonça

Vamos deixar para discutir é, é...o que for altamente sigiloso vamos deixar para discutir depois. Eles vão só fazer uma cena e vão embora, não é isso? Então vamos deixar para discutir o...

José Dirceu

Eles são de confiança!

Gilberto Carvalho

Absoluta!

José Dirceu

Mas não existe confiança absoluta, porque a fita do Lula sobre Pelotas acabou na mão do nosso inimigo. Mas como não existe no Brasil..

Gilberto Carvalho

É, tá, tudo bem.. mas é guardada num cofre todo dia.

José Dirceu

Vai nessa. Vai nessa. Se você soubesse de onde eu to. Se você soubesse o que eu tenho das outras campanhas, você não falaria isso.

Gilberto Carvalho

Eu sei...

José Dirceu

Ah.. Para com isso... Gilberto Carvalho!

Durante a conversa, as expressões dos participantes, suas reações, demonstram o desconforto causado pela situação. Apenas Dirceu aparenta

tranqüilidade. O assessor Gilberto Carvalho se aproxima para explicar que a equipe é de João Moreira Salles, dizendo de forma discreta, quase inaudível, que são pessoas de confiança. Mas o chefe não faz questão de disfarçar sua contrariedade com a presença da equipe, ainda que tenha sido alertado que a autorização para a filmagem havia partido de Lula. Afinal, com toda a sua trajetória política, com todas as informações que juntou ao longo de sua vida, de onde ele está, como ele mesmo diz, a palavra confiança parece não fazer sentido. Logo depois, Dirceu atende ao telefone enquanto Gilberto, visivelmente incomodado, assovia, com as mãos nos bolsos.

Um corte seco nos leva de volta a Gushiken, novamente parado diante do quadro. A reunião continua, com Lula de volta á sala e o debate novamente como tema, sem informações perigosas. Vemos João passar ao fundo enquanto Duda Mendonça fala sobre como Lula deve se comportar e pouco depois acompanhamos a saída da equipe, que novamente se revela, mostrando mais uma vez quem é João. O diretor não se apresenta, não diz quem é quando Dirceu pergunta. Só sabemos que está ali porque nos deu esse acesso. Sua presença nos permite ver o alcance do poder de José Dirceu, como se comporta e reafirma a sua posição de poder.

No filme de Coutinho, a cena com Geraldo diz muito. O olhar triste de quem já participou das lutas sindicais que surtiram efeito na vida de muitos daqueles trabalhadores, como vemos no próprio filme, mas sem qualquer mudança na sua vida, diz muito. Tanto tempo depois, de emprego em emprego, sem certezas, ele parece resignado com a situação, como quando diz “Vamos levando”. Mas é o silêncio desconfortável entre uma pergunta e outra que dá ao filme um de seus momentos mais significativos, quando o soldador pergunta ao diretor se ele já havia sido peão, mas não sabemos se para confirmar uma suspeita ou só para escapar do silêncio.

Dois mundos claramente distintos separam os dois personagens. Dirceu fala de um lugar de poder, com a arrogância de quem diz “se você soubesse de onde eu to”, sem parecer se dar conta de que, para estar ali – presidente do Partido dos Trabalhadores -, a participação de muita gente foi necessária, como a do próprio Geraldo. Este, por sua vez, talvez não saiba como o partido que ajudou a fundar teve de se transformar para chegar aonde chegou.

A segunda comparação traz dois eleitores de Lula. Um deles, Alfeu Dique e Silva, pega uma carona no avião da equipe a pedido do candidato. Isso depois de perder um vôo comercial com o mesmo destino, Porto Alegre. Na sua fala, percebe-se grande expectativa diante da possibilidade de mudança que, para ele, é representada por Lula. Nele, estão centralizadas as esperanças de um país diferente justamente pela novidade de eleger um ex-operário, que teve de superar muitos obstáculos até chegar ali. Alfeu chega a brincar dizendo que é “parente do homem”, já que ambos têm “Silva” como sobrenome. O que, antes de Lula como candidato com reais possibilidades, seria uma categoria para se igualar ao povo, o que não é necessariamente bom, viria a se tornar motivo de orgulho.

Alfeu Dique e Silva

Então, deixa eu te explicar como é que foi. Eu vim trabalhar aqui em Florianópolis hoje para voltar hoje mesmo pra porto alegre. Daí deu um atraso no meu trabalho e eu perdi o avião quando cheguei aqui. Daí não tem, né.

Produtora

Você é jornalista, não?

Alfeu

Oi? Não, não. Trabalho com medicamento. Daí eu, pô, cheguei aí e não consegui. Só tinha pra amanhã. Cheguei e tipo eu tinha compromisso cedo em Porto Alegre. Pô, tô frito. Daí quando eu vejo tá chegando o lula e a comitiva toda. Daí eu pensei assim comigo "bom, bora ver se tem alguma coisa de bom, né? eu ia ver o Lula, né? Que é um cara que eu admiro demais. Então quando ele passou eu falei "ah, tu m dá licença, deixa eu te dar um abraço. Abracei e disse "oh, perdi meu vôo..."

Walter

Então você não é amigo do Lula?

Alfeu

Não, peguei, apertei e disse assim, oh "brigada pela força. fico feliz de você estar aqui, né?! Queria te agradecer muito. perdi meu avião, mas você está aqui, né?

"Ah, perdeu seu avião? seu avião pra onde?"(diz , reproduzindo a fala de Lula).

Ah, pra Porto Alegre.

“Ah, Então tu vai com a gente” (novamente reproduzindo Lula).

Daí ele chegou: “tem um lugar aí?”

Walter

Mas a gente tava pensando que você fosse amigo dele. Quando eu vi você se abraçando com ele. Imaginei que era um amigo do lula. Agora que eu to descobrindo aqui, neste momento.

Alfeu

Que eu sou um carona.

Walter

Que o cara é um carona, entendeu? O cara conheceu o Lula hoje, naquela hora.

Alfeu

Exatamente.

Walter

E já era eleitor do lula, não é isso?

Alfeu

Isso.

João

Eu falei para a Raquel assim. Ela me perguntou: quem é aquele cara ali? Eu falei: um íntimo do Lula. "Aí, é o cara que o lula pediu pra gente levar"!

Walter

Eu peguei a mala dele, a mala enorme.

(...)

Alfeu

O que eu acho demais é o seguinte, cara. Eu sou de um tempo e eu escutava uma geração falar que todo mundo tem que ser doutor, que quem tem que governar é a

elite. Sempre teve aquela imagem, assim. E o povo não acreditava nele mesmo, não acreditava que ele pudesse mudar, que ele tinha a força de mudar as coisas. E hoje, porra, hoje tu vê o Lula, o cara é torneiro mecânico, é uma personalidade que ele escapou da seca do nordeste, o cara foi presidente do sindicato, ele perdeu um dedo trabalhando. Ele foi o cara que comeu um monte de r e s na televisão e todo mundo falava "ah, o Lula, o cara não sabe falar" e hoje ele é a maior liderança política no Brasil, disparado. É personalidade política mundial, internacional. É essa mudança de mentalidade que faz com que a gente veja que o Brasil tá mudando mesmo, velho. Vai votar num torneiro mecânico, né velho?! (...).

Neste último trecho, Alfeu deixa claro que tem muitas expectativas com a iminência da eleição de Lula. Com outro de seus eleitores, desta vez em *Peões*, a conversa é um pouco diferente. Em Várzea Alegre, a entrevista com Bezerra termina com uma oferta de levar a equipe para visitar outros ex-metalúrgicos. Vemos, então, a chegada ao endereço com o carro em movimento e acompanhamos a imagem que a câmera capta saindo do veículo. É a primeira vez que vemos a câmera, o aparelho em si, no filme. Em seguida, Zé Pretinho mostra o jornal militante da época, *Tribuna Metallurgia*, de novembro de 1979. Bezerra se junta a ele, que se refere a um episódio da semana para criticar Lula por ter dito que não ia governar para uma meia dúzia de banqueiros. Ele acha que podem estranhar, ‘destrambelar’ sua afirmação e tornar, portanto, mais difícil para governar. A primeira frase que o personagem diz é “Eu luto não é de graça, mostrando, em seguida, o jornal.

Coutinho

Você guarda desde aquela época? Maravilha.

Zé Pretinho

Maravilha. A réplica? Toda a vida lutando do lado do trabalhador. Sinceramente, eu sou esquerda até (risos).. Ave Maria! Os cabras têm “porque o Lula não vai saber governar”. Eu sei, quanto mais Lula! Por que que ele não sabe? Porque o que vale é a equipe. Não é a Lulice. É a equipe agora que... Ora, eu sei governar...agora... Tu vê?

Abraçado a Bezerra, ele conta da conversa que tiveram em outra ocasião.

Zé Pretinho

É porque quinta-feira Lula disse, eu não sei, lá num café um São Bernardo, lá tomando um cafezinho em São Bernardo, que não ia governar para meia dúzia de banqueiros. Eu tava falando pra bezerra que não era bom ter falado isso aí que a turma pode destrambelar alguma coisa e ficar mais difícil pra nós governar. Por que a turma não fica atrás “por que é que Lula, etc”. Rapaz, o plano de governo de Lula é o PT, rapaz. É o Partido dos Trabalhadores. Não quem que ta falando o **que vai fazer** (imitando a voz de Lula), asfaltar essa via, asfaltar não sei o que. Partido dos Trabalhadores! Agora, se não gerar nada para nós... Aí, bicho! Aí o bicho pega! (...).

Zé Pretinho é claramente um militante. Ele não só guarda um jornal que serve de lembrança do passado, como o exibe com orgulho e fala em plano de governo e governabilidade. Para ele, trata-se de um projeto que envolve toda a classe, tanto que uma declaração ruim de Lula pode deixar mais “difícil pra nós governar”. Assim, ele se enxerga no comando junto com o candidato, entende que a política é feita de concessões e enxerga a chegada de Lula ao poder como sendo de toda a classe. Ele demonstra muito mais preocupação com os benefícios que vão ter com a eleição e aposta no partido que viu surgir como o próprio plano de governo. É como se, ao falar dos benefícios que Lula pode trazer, parece se referir à classe operária e não à sociedade como um todo.

Já Alfeu centraliza muito mais suas esperanças em Lula e em sua trajetória, além de aparentemente ter uma visão muito mais romântica da eleição. Ele fala de mudança do país e de marco histórico, enquanto Zé Pretinho fala de resultados, como se houvesse a chance de finalmente alguém no poder para conseguir efetivamente melhoras para sua classe.

Já o terceiro ponto traz duas relações diferentes com a fala. Às vésperas do segundo turno das eleições, um debate importante estrategicamente para os resultados acontece e o comitê de campanha tem um grupo de controle que acompanha em tempo real o que se passa e transmite suas impressões acerca do

que Lula diz e de como se expressa. A idéia é de fato medir a reação do público e corrigir o que incomoda e saber se ele compreende o que é dito. Por outro lado, temos Luíza, que diz a Coutinho que a grande paixão de sua vida é xingar, dizendo, com um sorriso no rosto, que já xingou muito o filho quando criança. Ela diz sem se preocupar se vamos achar feio ou bonito, porque a sua liberdade é um dos bens que mais preza na vida.

Em Entreatos, é a filha de Duda Mendonça, Eduarda Mendonça, membro da DMMP, que passa as opiniões dos grupos por telefone ao assessor Luiz Gushiken e a Palocci, que acompanham Lula no debate.

Eduarda Mendonça

Gushiken? Seguinte, não to conseguindo falar com ninguém, tá? Com o meu pai. Só consegui falar no seu telefone. É o seguinte: ele tá bem, muito bem, mas ele tá começando a falar com as pessoas assim: “deixa eu te contar uma coisa”... “tem que ficar assim”. Então tem que ser mais claro. No início da resposta, responder, tá? Ele tá ficando um pouco vago. Os mais críticos tão percebendo, o resto não. Beijo.

No intervalo, ela se reúne com os monitores de outros grupos (são seis no total) e novamente repassa as informações ao assessor de Lula.

Eduarda Mendonça

Não é “temos que fazer”. É “vamos fazer”, o que ele tá falando. Não é “deveríamos fazer”. É “vamos fazer”.

Eduarda sai para pegar um copo e, na porta, recebe novas informações dos membros dos grupos.

Membro 1

O Lula foi pior nesse bloco.

Membro 2

Foi, foi. Ele deu uma caída. O Serra cresceu. Eles não gostam que ele caia na provocação do Serra. Que ele dê repique... em cima da... O Serra provoca, ele não tem que repicar. Toda vez que ele repica, ele dança.

Em seguida. Vemos Eduarda dizendo o que ouviu por telefone.

Eduarda Mendonça

Tá bom. O Serra cresceu, não tá mais gerando antipatia. Ele tá falando *como*, o Lula precisa falar um pouco mais *como*. Uma coisa que fica muito legal quando ele fala é aquela coisa do círculo virtuoso. Isso é uma coisa muito legal. Quando ele conta aquela história assim: “Primeiro tem que aumentar a renda das pessoas, o poder de compra, porque isso vai movimentar a indústria e assim a gente vai movimentar a exportação, assim a gente vai movimentar (...). Aquele link de segurança, emprego e educação. Aquele link que ele faz é muito legal. Emprego pra mais quarenta. Beijo.

Um corte seco nos deixa ver o grupo, inclusive Eduarda, assistindo a um momento do debate pela televisão em que Lula volta a dizer justamente o que a equipe sugeriu. No caso, sobre a economia.

Lula

E com esse modelo econômico que nós temos, não terá emprego. A indústria vai ter que voltar a produzir. A indústria produzindo, começa comprando e vai gerar mais emprego; esse emprego vai gerar mais consumidor; vai gerar mais um trabalhador; e é assim que a gente vai fazer a economia brasileira voltar a crescer, fortalecendo nosso mercado interno, aumentando as nossas exportações e garantindo que o povo brasileiro viva com mais dignidade, com mais respeito e seja muito mais feliz.

Novamente diante dos monitores dos grupos, Eduarda recebe as impressões finais do público.

Membro 3

Foi ótimo Foi... Matou a pau, terminou super bem. Agora... Não empolgou. No final não empolgou, mas foi o melhor do começo ao fim. O melhor bloco foi o terceiro bloco e... a nota média foi oito.

Corte seco e vemos Eduarda falar com Palocci pelo telefone.

Eduarda Mendonça

Palocci? Todos os seis grupos muito bem. Beijo. Tchau.

Toda a preocupação com o efeito do que diz sobre quem ouve na vida pública de Lula parece completamente oposta à da ex-cozinheira do sindicato, a paraibana Luíza (em *Peões*). Em um dado momento da conversa com Coutinho, ela fala sobre a importância de sua liberdade, de fazer e dizer o que quer sem ser censurada: seja na política, na religião, no relacionamento com os filhos, namoro e “em tudo”. Ela afirma que sua vontade própria é fundamental e conta ao diretor quais são suas paixões na vida.

Luíza

A minha família era uma família muito pobre. Nós todo era muito pobre. Meu pai era vaqueiro na fazenda. Aí nos saímos lá de Monteiro pra vir praqui pra São Bernardo e eu tinha uma comadre que morava aqui, ela já foi, pros além, na Vila Marque. Eu morei muito tempo com eles, num barraco. Depois meu marido me deixou, porque eu sempre fui uma mulher muito espontânea. Eu não gosto que ninguém me dê ordens, como: “pára!”, “cala a boca!”, “não pode!”. Eu entendo que todos nós tem o seu direito de falar o que quer. Teja certo ou que esteja errado, depois vamos consertar. E ele pegou, separou de mim e foi embora.

Pouco depois, fala sobre o de fato lhe dá prazer na vida.

Luíza

A minha simpatia na minha vida é brigar e xingar. Eu adoro! Falar palavrão! Eu adoro! Isso, se chegar a eu ficar sem falar palavrão, quando eu morava na minha cidade, a minha irmã morava numa rua e eu morava em outra. E eu tinha o Eduardo, que era o mais velho, e eu gritava da minha rua, para a casa da minha irmã. E eu xingava ele de ‘fila’ da puta, vem pra casa, fila da puta! Fio de um

corno, fila da puta! Aquilo eu esculhambava! (...) A intimidade que eu tenho com Lula, que eu posso passar para tu, que ele é uma grande pessoa. Ele é um grande companheiro. Eu tenho certeza que a mãe de Lula, que é a Euride, aonde ela tiver, ela deve estar com muito orgulho de alegria de ela ter parido um filho tão lindo. Tão lindo!

Durante a conversa, Luíza atende ao telefone.

Luíza

Alô. Oi, meu filho! Ixe, tava falando de você, meu filho! Tudo bem. Tá aqui, a imprensa tá aqui. Você devia ter pedido aí pra eles conversarem um pouquinho com você. Tá? Eles tão aqui. Aqui na minha casa. To dando um café pra meus amigos que pode vir. Não! Meu coração, eu mandei fazer um exame segunda-feira cedinho. Tá ótimo. Só to ruim da perna. Não. Não se preocupe. Não se desespere não que você chega lá. Tá bom? Tá bom. Tá, tchau. Tchau.

Ao desligar, se volta novamente à equipe.

Luíza

Meu filho. É esse aqui que xingava “fio da puta!”. Ele morou num lugar que tinha uma mulher que gritava com os ‘fio’ desse jeito e ele dizia “olha minha mãe. Mamãe chamava eu desse jeito”. Ele ainda hoje fala nisso. Por isso que eu falo: eu amo meus fio tudo.

À primeira vista, pode ser estranho que uma mãe se refira ao filho com um xingamento, especialmente “filho da puta”, mas a verdadeira paixão de Luíza parece ser a liberdade de expressão e não apenas o ato de falar palavrões em si. Quando ela atende o telefone e sua expressão se modifica, tornando-se ainda mais amável, inclusive no tom de voz, fica óbvio que Luíza é uma mãe amorosa, o oposto do que pode parecer se a virmos contar sobre como xingava o filho. Lula

não tem a mesma “liberdade”. Ele sabe que a espontaneidade custa, para ele, muito caro, o que ele mesmo diz durante uma conversa no avião da campanha, em Macapá, a cinco dias do segundo turno das eleições, citando uma pesquisa relatada por Duda Mendonça:

Lula

“(…) 67% do povo tinha medo da minha imagem de grevista; 70% do povo era contra a Reforma Agrária violenta, mesmo sendo a favor da Reforma Agrária. O Duda Mendonça falava “Em comunicação, gente, não é o que a gente diz, é como as pessoas compreendem o que a gente diz”. Então a gente tá falando uma puta duma coisa bonita, mas só você tá gostando... Ninguém tá gostando.

Ainda no primeiro turno, também no avião, o vemos se referir à maneira como é necessário se “policar” durante uma conversa com membros do comitê, Antônio Palocci e Luiz Dulci, sobre como alguns veículos de comunicação vinham mudando seu ponto de vista acerca do candidato.

Lula

Quando a gente não tem responsabilidade, você não tá pra ganhar nada, então você não mede as palavras que você fala no discurso. Mas agora, qual é o problema? É que você tem que medir cada palavra. Você fica sempre com medo do cara pegar uma palavra solta... mudar...

Luiz Dulci

Você é um improvisador nato...

Lula

Então você fica... Sabe?

Antônio Palocci

Se policiando?

Lula

Se policiando o tempo inteiro. E depois, eu deveria me mancar e parar de falar. Mas eu não paro de falar. (risos).

A consciência de que sua imagem é diretamente responsável pelo resultado nas urnas e, principalmente, por ter responsabilidade como homem público, causa um perceptível cansaço, justamente porque Lula sabe das conseqüências do que fala. Luíza fala abertamente de seus xingamentos. Se fosse candidata à presidência, certamente não falaria assim publicamente ou poderia gerar a mesma rejeição que o Lula grevista provocou nos 67% da população.

A diferença de comportamento pode ser percebida nos três casos analisados: com relação à filmagem/diretor; à eleição de Lula; e à fala. Todas elas estão relacionadas à origem, à vivência do entrevistado e ao grau de repercussão que os temas podem fazer. Se para José Dirceu a presença da equipe pode botar em risco a confidencialidade da campanha e saber quem é Salles representa uma medida de segurança, para Geraldo parece uma questão de identificar se Coutinho consegue ter a dimensão do que está ouvindo. Afinal, será que, sem ter sido peão, é possível entender?

Vimos que os eleitores vêem as eleições de formas distintas. Alfeu vê pela possibilidade de mudança do país, mas especialmente pelo marco histórico que a eleição de um operário representa. Ele parece muito mais otimista, encantado, do que o próprio ex-sindicalista Zé Pretinho, que acompanhou a formação política de Lula, companheiro de classe. Para Zé, é momento de ver concretizadas aquelas expectativas que os operários vêm colecionando ao longo dos últimos 30 anos.

Com a fala, a mesma situação. Para Lula, uma bobagem dita ou mesmo um palavrão pode colocar em xeque as eleições ou ao menos bons pontos percentuais e alguma polêmica. Para Luíza, trata-se de uma forma de expressão e, mesmo dirigida ao filho, quando a vemos falar com ele ao telefone, sabemos que não se trata de uma relação conflituosa. O fato é que ela tem menos a perder.